



IGREJA DE COMUNHÃO NA TEOLOGIA DE YVES CONGAR

Francisco Wallyson Alves Guedes¹
Amilton Senna Alves Pereira²

Resumo

Este trabalho trata do pensamento de Yves Congar na perspectiva de uma Igreja em Comunhão, sua eclesiologia na atual temática pós Vaticano II. Este trabalho tem como objetivo mostrar quais acontecimentos da vida de Yves Congar o influenciaram ao ponto de elaborar o seu pensamento sobre tal assunto, conhecendo o contexto sociocultural e a relação com a sua doutrina, mas também apresentar os pontos fundamentais para se entender que quer dizer com Igreja de Comunhão. Esse trabalho é de caráter teórico, realizado com o apoio de bibliografia em relação ao tema, sobretudo livros e artigos científicos. Os resultados no momento atual apontam que a Igreja necessita cada vez mais de trabalhar os seus membros em harmonia na lei suprema de Jesus Cristo, o amor, pois Ele nos deu o exemplo nos servindo, assim também deve ser a Igreja de Comunhão, uma Igreja ministerial, onde os ministérios sejam vistos como um serviço à comunidade e não um cargo que diferencia o fiel dos demais. A Igreja, Una e Católica, tem em sua comunhão o reflexo da Santíssima Trindade, que é perfeita, entenderemos como ela se dá na ação conjunta do Filho e do Espírito, as duas mãos pelas quais Deus age na sua Igreja que é Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.

Palavras-Chave: Yves Congar. Igreja de Comunhão. Igreja Ministerial.

INTRODUÇÃO

A igreja Católica em sua historicidade perpassou diversos contextos históricos e que foi necessário a mesma, adequar-se as mudanças de épocas e de evolução do pensamento humano. Quando se olha a trajetória do Homem em sua relação com o Divino, constata-se que ele já assumiu diversas posturas diante daquela realidade superior a ele. Desde que se perdeu a dimensão mítica, o indivíduo adequou a sua imagem o transcendente. Esta realidade é experimentada

¹ Graduado em Filosofia, pela Faculdade Católica de Fortaleza-CE, e Bacharelado em Teologia, pelo Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: wallysongolias@hotmail.com.

² Graduado em Filosofia, pelo Centro Universitário Católica de Quixadá- CE, Especialista em Filosofia e Sociologia, pela Universidade Candido Mendes- RJ, Bacharelado em Teologia, pelo Centro Universitário Católica de Quixadá-CE. E-mail: grupocongariano@gmail.com.



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

de maneira sempre atual pela Igreja, pois postula sua fé em um Deus que se revelou ao homem e fez morada em meio a ele.

Em meios estas mudanças, destaca-se alguns pensadores, que dedicaram suas reflexões a vida eclesial, a relação do indivíduo com Deus, ou seja, a levar cada vez mais, a uma maior compreensão da fé professada. Yves Congar, não se distanciou deste objetivo, e em suas reflexões, dedicou-se a pensar em uma nova dinâmica para a Igreja, para que esta possa servir melhor ao reino de Deus.

A pensar a eclesiologia de comunhão, o mesmo estabelece um itinerário que leva ao indivíduo que se depara com seu pensamento a interrogar-se sobre o seu papel enquanto membro desta instituição. Na base de seu pensamento está a questão axiomática, uma Cristologia-Pneumatológica, e uma Pneumatologia-Cristológica, embora pareça-se ideias iguais, nosso pensador as concebe distintas.

1 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS QUE INFLUENCIARAM O PENSAMENTO CONGARIANO

O contexto sócio-político que Congar³ vivenciou, o influenciou de maneira direta para a construção dos seus pensamentos. O primeiro fator que contribuiu foi o período religioso que a França vivia, com a grande expansão do protestantismo, no bairro onde morava desde criança, nosso autor, teve contato com crianças judias e protestantes, era comum que Congar debatesse sobre a Santa Missa com seus vizinhos, ainda com uma visão infantil, mas, já demonstrava entusiasmo e dedicação naqueles que foram seus primeiros diálogos ecumênicos, sem tanto embasamento teológico. (Cf. ARARUNA, 2018, p. 02)

³ Yves Congar nasceu em Sedan, na França, em 13 de abril de 1904. No período da 1ª Guerra Mundial. Entrou no Séminaire des Carmes, no institut catholique de Paris em 1921, em 7 de dezembro de 1925. Ao entrar no noviciado dominicano da província da França e recebe o nome de Marie-Joseph. Tem sua profissão religiosa em 8 de setembro de 1926. Deste ano até 1931 estudou em Saulchoir, Bélgica. Em 1928 apresenta sua tese de leitorado em Teologia e em 25 de julho de 1930 recebe ordenação sacerdotal. [...] Morreu em 22 de junho de 1995 e foi sepultado no túmulo da Ordem Dominicana, no cemitério de Montparnasse, também em Paris. MORAES, Eva Aparecida Resende de. Cem anos de Yves Marie Joseph Congar. **REB- Revista Eclesiástica Brasileira**, n. 265, p. 866-867.



ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

A Família dele mantinha a sua fé católica, mesmo o catolicismo em decréscimo. Estimulado por sua mãe, ele começa a sua jornada como escritor, e com linguagem singela, começa a descrever as ações do cotidiano, seus sentimentos frente a guerra que presenciava, de onde retira o título de sua obra, *Diário de Guerra*, sua obra prima.

Ao passo que ia ganhando experiência, principalmente na fé, a vocação foi ganhando terreno em seu coração, e essa sempre nutrida pelo desejo da pregação, como os fatos históricos apontam, Yves Congar sentia no seu despertar vocacional um apressamento pelos Dominicanos⁴ mesmo sem os conhecer, o que acontecerá no futuro.

A sua experiência como prisioneiro de guerra, (Cf. MARQUES, 2008, p.02) no campo de concentração, lhe redeu um contato mais íntimo com a comunidade judaica. Com esta experiência e as de sua infância, fica notório compreender os seus trabalhos futuros sobre o ecumenismo. Elementos destas partilhas, é o termo o *povo messiânico* adotado por nosso autor para se referir ao povo de Deus, o uso deste termo advém de sua atenção para com os judeus, visando sempre estabelecer um diálogo. Persistindo em uma visão de Igreja aberta ao diálogo ecumênico, ele decide tomar como tema de sua tese conclusiva do curso de Teologia o seguinte tema: A Unidade da Igreja, alicerçando assim, a construção de suas reflexões sobre a *Igreja de Comunhão*.

Um acontecimento que lhe foi caro, foi a sua proibição de publicar e ensinar, feita pelo Papa Pio XII, que o leva a silenciar, como um servo bom e fiel, obedeceu a Igreja, e recluiu-se em Jerusalém em 1954, permanecendo assim até que a Igreja o convocasse por intermédio do Papa João XXIII, que buscando um espírito de transformação, convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II.

⁴ [...] Surgiu na Europa da Idade Média, na época das Cruzadas e de Francisco de Assis. Ela brotou a partir da experiência de vida evangélica de São Domingos de Gusmão, aproximadamente em 1170. [...] No final de 1216 ele obteve do próprio Papa, para a pequena comunidade de Tolosa, o reconhecimento oficial e o título de "Ordem dos Pregadores".

Disponível em: <http://www.dominicanos.org.br/ordem.php>. Acesso em: 05/05/2019, às 09:30 hrs.



2 A IGREJA DE COMUNHÃO

A novidade trazida por Congar ao meio teológico deu-se principalmente em sua concepção de eclesiologia, que até então, era relacionada estritamente a ação salvífica de Jesus Cristo. Nosso teólogo incorpora à tradição suas reflexões teológicas e apresenta seu axioma, uma Cristologia Pneumatológica e uma Pneumatologia Cristológica. Ele reconhece uma íntima relação do Filho com o Espírito.

A Cristologia-Pneumatológica refere-se a ação de Jesus de Cristo no coração da Igreja, auxiliado pelo Espírito Santo, desde a sua encarnação, até a sua morte e Ressurreição. A Pneumatologia-Cristológica é ação do Espírito enquanto Pessoa atuante da Santíssima Trindade, que tem seu papel na obra redentora do mundo quando se integra na pessoa de Jesus Cristo. Esta temática esteve sempre presente a história do Homem, e não esteve fechada ao campo teológico, mas fora discutido outra pela Filosofia, pelos estóicos, que estabeleceram a relação entre o Pneuma e o Lógos. (Cf. ARARUNA, 2018, p.03).

Por séculos, nas reflexões teológicas, dava-se destaque ações da Pessoa do Filho, que sendo obediente, amou a humanidade e por ela se entregou no alto da cruz, e assim glorificou o Pai. o Espírito esteve sempre presente nas ações de Cristo, desde a Encarnação, quando por seu intermédio, a Santíssima Virgem Maria concebeu. Quando impelido por Ele, aos doze anos pregou aos mestres da lei, e em todos os momentos do seu ministério terrestre. “A obra do Espírito Santo é a presentificação, continuação e consumação da auto comunicação de Deus em Jesus Cristo.” (SCHNEIDER, 2002, p.403).

As ações do Espírito Santo são correlacionadas com a de Jesus, e os dois formam as duas mãos de Deus, pois a maneira que Cristo age no mundo o Pneuma também realiza suas obras junto aos homens. (Cf. NOGUEIRA, 1995, p.69). Congar ao apresentar esta perspectiva percebe que na Sagrada Escritura Espírito e Verbo entrelaçam suas ações.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

57

Cristologia histórica é aquela que reconhece dois estágios no destino de Jesus Cristo: um estágio de kenosis, de Servo, que culmina na cruz e na “descida aos infernos”; e outro glorioso, o da ressurreição e do “sentar-se à direita de Deus”. No primeiro estágio, Cristo recebeu o Espírito; foi santificado e guiado por ele. No segundo estágio, está “sentado à direita de Deus, feito semelhante a Deus e, desta maneira, pode, como homem inclusive, dar o Espírito. (CONGAR, 1991, p.602).

Portanto, A luz de pentecostes podemos compreender a comunhão da Igreja que nasce a partir do amor do Pai e na graça do Filho e pela força do Espírito que fecunda o coração dos discípulos num ato comunitário, e, partir daí, segue o anúncio que é proclamado também numa perspectiva da unidade revelada, ou seja, a missão essencial da Igreja que é também por meio de sua comunhão manifestar a revelação cristã.

A Igreja é marcada por uma comunhão não simplesmente de agrupamento de pessoas, mas por essa identidade romper com a lógica tempo e espaço, porque essa é uma comunhão plena que provem do Espírito. Congar corrobora afirmando que:

Desse modo, o Espírito, princípio de unidade, supõe uma primeira unidade – que ele já suscita secretamente -, unidade de consentimento de estar juntos e de iniciativa feita nesse sentido. É disso que santo Agostinho fala ao usar as expressões “fraterna caritas”, “caritas unitatis”, “pacifica mens”, amor pela paz, pela concórdia mútua, pela unidade, ao contrário do espírito individualista, sectário, cismático. (CONGAR, 2010, p. 30)

A Igreja de Comunhão é aquela que brota da comunhão entre o Pai e o Filho, aquela que é alimentada e instruída pelo Espírito Santo, e ratificamos esta verdade quando ao iniciar a missa o sacerdote diz, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo esteja convosco.



3 A IGREJA MINISTERIAL

Nessa última seção de nosso trabalho, nos deteremos em abordar a dinâmica de organização eclesial abordada por Congar. A princípio se faz necessário apresentar que para ele, a Igreja deve articular-se em uma dinâmica circular, onde as hierarquias não tenham grandes relevâncias, não é que o mesmo queira criticar o papado, mas, fazer com que todos cheguem a uma concepção eclesiológica de que todos os serviços, ministérios, são dons de Deus, que por assim ser, devem ser tomados como ofertas de si, de cada um, pelo reino de Deus.

[...] Deus comunica a humanidade a Sua vida divina, por meio da Igreja, Deus move-se ao encontro das condições humanas. Contudo, mesmo esta dádiva estando em atuação no mundo, ela ainda não alcançou a sua plenitude, caminha, pois, na fé e não na visão. A Igreja caminha neste mundo em um processo no qual a realidade corporal e sensível (Igreja-instituição) é figura de uma vida que não é deste mundo (Igreja-Corpo místico), mas formam uma só realidade da Igreja de Cristo. (ARARUNA, 2018, p.04).

Portanto, a Igreja é uma realidade intimamente ligada a Encarnação do Verbo, já que Ele constitui a cabeça deste organismo. E assim como o Cristo não pertence a esse mundo, A Igreja está imersa nesta realidade como uma prefiguração da Igreja celeste, onde haverá a perfeita liturgia de adoração, a Trindade, com todos as criaturas, celestiais (anjos, santos,) e a humanidade, elevada pelo sacrifício trinitário⁵.

Para chegar a vivência de uma Igreja messiânica, alimentada por Ele, e que dá testemunho de sua figura principal, deve buscar configurar-se ao mundo como sinal redentor de Cristo em meio aos homens. E mediante a realidade que

⁵ Aqui ousou apresentar o sacrifício redentor da humanidade, como uma realidade partilhada pela Trindade, uma vez que, embora sejam três pessoas, formam um só Deus, portanto, o Pai em sua fiel benignidade e por amar tanto as suas criaturas, enviou o seu Filho por intermédio do Espírito Santo, ao mundo, mesmo sabendo de todas as coisas que Ele passaria para cumprir os desígnios Dele, ou seja, o sacrifício da Cruz foi experimentado pela Trindade Santa.



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

59

experimentava, uma Igreja extremamente clerical, fechada nas figuras de alta relevância, que se sobressaíam mais que a grande massa, os leigos, Congar chama para uma reforma eclesiológica, mas sem romper com a Tradição. (Cf. CONGAR, 1958, p. 08).

Estes dois pólos, reforma e Tradição, embora a priori demonstrem um antagonismo, são percebidos como aliados na construção de uma Igreja que testemunha o Cristo na terra. A Tradição, pertence tudo aquilo transmitido por Deus ao longo dos tempos, que constitui todas as verdades irrevogáveis da fé, que não pertencem ao campo da mutabilidade. A reforma diz respeito as ações de purificação das coisas que não favorecem o testemunho eclesial, são as adaptações necessárias para a Igreja atingir a excelência da vivência eclesial e o anúncio da boa nova do Reino.

[...] Assim Congar descreve que a Tradição corresponde a maturação harmoniosa do que é transmitido. Para se chegar a essa maturação é preciso percorrer um desenvolvimento que não é automático, mas necessita de uma submissão das iniciativas divinas. [...] a Reforma é uma nova etapa de purificação em meio a impureza do mundo, essa purgação se dá no aprofundamento e da adaptação que se faz sempre voltando as fontes primitivas da Igreja, tendo com isso um caráter “refontalizante” para a Tradição, permanecendo sempre fiel ao que recebeu e transmitindo fielmente o objeto que foi recebido.[sic] (ARARUNA, 2018, p. 06).

Ao apresentar o que concebe por tradição, Congar a apreende em três dimensões: eclesial; histórica e pneumatológica. A primeira diz respeito a fé colocada em prática pelo povo de Deus, e que constitui uma gama de serviços, onde se inseri aqui também as hierarquias. A segunda é a dimensão histórica, por conceber que a Igreja tem uma historicidade, que experimentou diversos avanços e retrocessos humanos e que tudo que celebra, celebra em comunhão com todos aqueles que antecederam os dias atuais. A terceira é a pneumatológica, onde nosso pensador, apresentar o espírito da tradição, que ela não partilha de uma história, mas que tem um caráter espiritual, que a guia. (Cf. ARARUNA, 2018, p. 07)



3.1 Teologia do Laicato

Ao observar todo o panorama das contribuições de Congar, pode-se chegar a conclusão que o laicato foi a sua maior contribuição para seio eclesial, que teve grandes relevâncias para os documentos finais do Concílio vaticano II. Após diagnosticar a perda de fiéis, igrejas cada vez mais vazias, Congar exorta para um retorno a integralidade dos leigos na Igreja. Para abordar a temática dos leigos, ele apresentou o conceito de Corpo Místico, onde cada fiel antes de pertencer ao corpo eclesial é chamada a integrar o corpo de Cristo, pelas graças batismais, cada homem deve fazer uso de seu sacerdócio comum a todos, e criar um senso de pertença ao corpo eclesial, como expressão do que experimenta como membro do Corpo Místico de Cristo.

[...] Congar afirma não ser possível falar da Igreja sem que se fale também dos leigos que a compõem, e é preciso que se fale de uma maneira extremamente positiva. Para ele uma teologia do laicato não pode ser uma “laicologia”, isto é, ajuntar um parágrafo ou um capítulo sobre o laicato e uma eclesiologia já pronta e pré-determinada. Congar também afirma não haver outra teologia do laicato possível a não ser aquela inserida em uma Eclesiologia total. (BAYLÃO, 2016, p.15.).

Ao fundamentar o papel laical na igreja ministerial, Congar ratifica que todos os membros do corpo eclesial, devem exercer as funções atribuídas a cada um, mas é de responsabilidade do olhar apostólico, os bispos, o andamento das ações de cada ministério, seja ordenado ou não, para que possa perceber uma Igreja viva, atuante, atenta as necessidades do mundo que está inserida, sem menosprezar o serviço de ninguém, pois perante o corpo místico de Cristo são antes de tudo batizados, iguais. (Cf. CONGAR, 1967, p. 02).



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

61

CONCLUSÕES

Frente a temática apresentada a luz do pensamento congariano, nos permite perceber o quão atual se faz esta reflexão sobre a Igreja de Comunhão. Nota-se que o secularismo se infiltrou no seio eclesial. A cada dia percebe-se igrejas menos povoadas, e um crescente número de pessoas que deixam de acreditar na realidade transcendente, prendem-se ao imanentismo, o que importa é o hoje, o agora.

Quando se fala na função laical hodierna, aparece diversas situações que nos levam a pensar sobre o papel do leigo, por vezes, nos deparamos com realidades de extrema valoração clerical e empobrecimento da figura do leigo, assim como também nos defrontamos com o contrário, uma hipervalorização das funções do leigo, e esquecimento da figura sacerdotal. A reflexão congariana, nos proporciona a refletir como estabelecer direcionamentos para que se compreenda a função de cada indivíduo na igreja, a maneira que estejam em consonância com a unidade exigida para um autêntico testemunho. Quando se toma a consciência que somos membros de uma realidade com diversos ministérios, torna-nos mais cientes que como parte de um todo, cada um deve exercer o seu ministério com generosidade e como expressão de unidade, presente na Trindade, que reflete na Igreja.

Quando Congar chama a Reforma, este torna seu pensamento a temporal, pois ao passo que a igreja acompanha o fluxo histórico, a ela advém diversas realidades sociais, que coloca o seu exercício de anunciadora da Boa Nova em xeque, e a esta, cabe a abertura a uma atualização para que possa incorporar ao tempo que vive, mas sem perder os elementos centrais de sua fé, para que não perca suas raízes e deixe de ser autêntico instrumento de Cristo na terra.

REFERÊNCIAS

ARARUNA, Ailton Bento. PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

62

AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A LUMEN GENTIUM E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II In. **Anais da VII Semana Teológica**. Mossoró: Faculdade Diocesana de Mossoró, 2018, 29p.

BAYLÃO, Alexandre. **A Pneumatologia no pensamento de Yves Congar**. São Paulo, 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, 2016.

CONGAR, Y. **El Espíritu Santo**. Sección de Teología y Filosofía. Barcelona. Editorial Herder. 1991.

_____. “Ele é o senhor e dá a vida”. São Paulo: Paulinas, 2010. 303 p.

_____. Principes doctrinaux 187-189 (Paris: Cerf 1958)

_____. Se sois minhas testemunhas. São Paulo: Paulinas, 1967.

MORAES, Eva Aparecida Rezende de. A Ecclesiology de Comunhão de Yves Congar e sua Relevância para a Igreja de Hoje. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, n.26, maio/agosto. 2007.

SCHNEIDER, Theodor. **Manual de dogmática**. Vol. I. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Vozes, 2002. 557 p.